

**“MOREN@, NÃO. EU SOU NEGR@!”: AÇÕES POLÍTICAS DE MULHERES  
NEGRAS NA PARAÍBA CONTEMPORÂNEA NA AFIRMAÇÃO E NA  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA (2001-2012)**

RAYSSA ANDRADE CARVALHO\*  
SOLANGE P. ROCHA\*

*A ancestralidade [africana] é a nossa identidade histórica. Sem ela, não sabemos o que somos e nunca saberemos o que queremos ser. (Autor/a não identificado/a)*

O presente artigo tem como objetivo analisar as ações políticas de mulheres negras, na Paraíba contemporânea, na afirmação e na construção da identidade negra. Nessa perspectiva, enfocamos nossa análise na campanha Moren@, não. Eu sou negr@!, idealizada, produzida e lançada pela Bamidelê – Organização de Mulheres Negras na Paraíba - no ano de 2009, com o intuito de promover a construção e a afirmação da identidade negra no estado. De tal forma, evidenciamos as articulações políticas estabelecidas entre o Movimento de Mulheres Negras na Paraíba e o movimento em esfera nacional e internacional na construção da identidade negra positiva da população negra, especialmente as mulheres.

Para tanto, fazemos um panorama do Movimento de Mulheres Negras no Brasil, traçando algumas reflexões sobre o Feminismo Negro, que surge no país em meados da década de 1970. Além disso, expomos a trajetória histórica da Bamidelê – OMN/PB, fundada em 2001, pontuando suas atuações políticas, em mais de uma década de trabalho, no sentido de construir e de afirmar a identidade negra entre a população negra no estado, especialmente, mulheres e jovens negras, e na defesa de políticas públicas específicas para a população negra, especificamente para as mulheres.

Para construir a narrativa, utilizamos fontes documentais, os relatórios e os materiais de divulgação da Bamidelê – OMN/PB - e fontes bibliográficas, como os estudos de autores/as como Roland (2000), Carneiro (2003), Moreira (2011), entre outros/as pesquisadores/as desse tema. Recorremos, ainda, a informações e a imagens, como fontes, portais da internet da Bamidelê e de outras organizações de feministas negras no Brasil e

---

\* Discente do Curso de História na Universidade Federal da Paraíba.

\* Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Solange P. da Rocha, do Departamento/PPGH de História da UFPB, coordenadora do Grupo de Pesquisa *Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista* do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiras e Indígenas-NEABI/UFPB.

materiais da mídia (artigos de jornais e reportagens em jornais), que destacaram as ações políticas da organização feminista em análise.

## REFLEXÕES TEÓRICAS

No início do Século XX, precisamente na década de 1920, o saber histórico passou por mudanças teóricas importantes, que influenciaram profundamente o ofício do historiador. Nesse sentido, uma das expressões que destacamos é a História Social, que surgiu, na França, com a Escola dos *Annales*, através de teóricos como Lucien Febvre e Marc Bloch, que se contrapuseram à Escola Metódica, influenciada pelo positivismo que predominava, até então, nas perspectivas teórico-metodológicas do campo historiográfico (BURKE, 2000).

Assim, a perspectiva da História Social, feita por esses teóricos, foi crucial para a crítica, que já estava sendo feita também por outros historiadores, e a História Política retratava as ações dos “grandes homens”. Nessa perspectiva, buscavam desenvolver estudos que abrangessem todas as atividades humanas e que estariam menos preocupados com a narrativa de eventos (BURKE, 2000: 30).

A partir da década de 1970, a História Social começa a ganhar destaque no Brasil, dentro das Academias, principalmente em estudos sobre a escravidão, a família e o cotidiano, que passam a ser retratados. Desse modo, a História Social possibilitou a inserção de novas temáticas e sujeitos tratados pelo saber histórico, como também novas abordagens e metodologias foram elaboradas para o desenvolvimento desses novos estudos. Além disso, ressaltou-se a problematização nesse novo campo (BARROS, 2004).

Nesse ínterim, surgiu o campo teórico-metodológico da História do Tempo Presente, como um novo espaço de debate no saber histórico sobre a possibilidade de o historiador escrever a respeito do tempo presente ou recente em que esteve inserido, sem que isso deslegitime seu trabalho. Os historiadores que debatem favoravelmente aos pressupostos da História do Tempo Presente afirmam que “a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente” (CHAUVEAU; TÈTART, 1999: 15). Nesse sentido, discute-se uma nova relação do historiador com seu campo de investigação, no que diz respeito a sua relação com seu tema e o seu tempo, produzindo uma evolução da relação com o acontecimento em função da própria história (CHAUVEAU; TÈTART, 1999). Nas discussões sobre o surgimento da História do Tempo Presente está a questão da demanda social colocada para o historiador, pois a História “é um fator de compreensão do presente e vetor de opinião para o corpo social” (CHAUVEAU; TÈTART, 1999: 36).

Nesse contexto, também nos aportamos na História Cultural, uma perspectiva teórica que ganhou espaço no campo historiográfico, nas últimas décadas, e contribuiu para a incorporação de novas abordagens e metodologias na História (BARROS, 2004). Assim, pensamos uma interface da História Social com a História Cultural nos utilizando das reflexões de Thompson, através de autores como Scott (1990), e de outras disciplinas, como a Sociologia e a Antropologia, o que caracteriza uma interdisciplinaridade que presente na História Social.

Nesse sentido, as mulheres foram inseridas na História como um campo de estudo, uma reivindicação do Movimento Feminista na década de 1960 (SOIHET, 1997). De tal forma, no Brasil, começaram a se desenvolver estudos sobre as mulheres nas diversas áreas das Ciências Humanas. No âmbito acadêmico, historiadoras feministas agiram ativamente, com o intuito de reivindicar uma produção historiográfica que visibilizasse as mulheres, e propuseram uma profunda mudança nos paradigmas historiográficos vigentes (GONÇALVES, 1988). Elas questionaram o sujeito universal, que seria o homem branco, ocidental, heterossexual e cristão.

Destarte, entre fins da década de 1980 e início de 1990, feministas estadunidenses - no campo historiográfico, citamos Joan Scott (1990) - começaram a pensar uma nova categoria de análise que oferecesse ferramentas conceituais sólidas para os estudos sobre as mulheres. Assim, surgiu o conceito de gênero. Trata-se do estudo das diferenças entre homens e mulheres como construções socioculturais, de forma relacional, que propõe a substituição do termo sexo nas análises, para compreender os papéis sociais atribuídos a homens e a mulheres (GONÇALVES, 1988).

Dessa forma, articulamos o conceito de gênero a outras categorias de análise, como raça e classe, para compreender as relações sociorraciais em que estão inseridas as mulheres negras no Brasil.

## **O FEMINISMO NEGRO E O MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL**

A trajetória das mulheres negras nos movimentos sociais, que se inseriram, desde fins do Século XIX, foi permeada pela luta para atender às suas demandas. No Movimento Negro, do qual participaram desde o seu surgimento, as mulheres negras foram atingidas pelo sexismo, demonstrado por seus parceiros militantes, pois não participavam efetivamente das decisões políticas do movimento, e suas questões específicas eram colocadas como secundárias na agenda dos movimentos sociais (SANTOS, 2009).

No interior do Movimento Feminista, em que as mulheres negras passaram a se inserir na década de 1970, havia uma forte resistência no tratamento das demandas específicas dessas mulheres. Assim, na década de 1970, as feministas afirmavam em seus discursos uma identidade feminina homogênea e referiam que todas as mulheres eram oprimidas, principalmente, por causa do sexo (PISCITELLI, 2002), (SOIHET, 1997). Porém, esse discurso do feminismo tradicional acabava por invisibilizar as diferenças entre as mulheres, que apareciam quando se articulavam categorias como raça, classe, geração, orientação sexual, entre outras (BAIRROS, 1995). Assim, como crítica ao pensamento e ao movimento feminista tradicional, que atendia, prioritariamente, aos anseios das mulheres brancas, da classe média e da intelectualizada, surgiram, em meados da década de 1970, teorias e práticas políticas que propuseram novos olhares sobre as experiências das mulheres, sobretudo com o intuito de visibilizá-las (BAIRROS, 1995), assim como suas reivindicações no âmbito social.

Portanto, o Feminismo Negro é elaborado, nessa perspectiva, como expressão da teoria do *ponto de vista feminista*, e repercute no Brasil, em fins da década de 1970, com o trabalho de intelectuais e ativistas negras, como Lélia Gonzalez (1935-1994), que inicia as discussões sobre as condições das mulheres negras no mercado de trabalho e na educação (BAIRROS, 1995).

O Movimento de Mulheres Negras surgiu no Brasil, no início da década de 1980, com o objetivo de colocar no espaço público, de forma autônoma, esse novo sujeito político, as mulheres negras, pois as questões das mulheres negras foram secundarizadas, principalmente dentro do movimento feminista, como expressão do racismo velado e do movimento negro, com o sexismo demonstrado pelos militantes homens. Dessa forma, o movimento buscou atuar em defesa da construção e da afirmação positiva de múltiplas identidades do ser mulher negra no Brasil e, nesse sentido, na desconstrução dos estereótipos que foram construídos

historicamente sobre elas em nossa sociedade. Portanto, visibilizou as condições e as demandas específicas desses sujeitos, que são atingidos pelas desigualdades sociais/raciais, na interseção do gênero, da raça e da classe (CARNEIRO, 2002). Núbia Moreira (2011) aponta os estereótipos que destacam duas imagens principais de mulheres negras, que são retratadas na literatura desde o período colonial e repassadas pela tradição oral: uma é a imagem da “bela mulata”, que atribui à mulher negra uma sensualidade exacerbada, destinando-a exclusivamente ao sexo e ao prazer dos homens. Ela é seriamente desconstruída pelo Feminismo Negro, que discute o estupro colonial como uma prática nas relações sociais entre senhores e escravas. A outra imagem recorrente é a de “mãe preta”, que é atribuída às mulheres negras que cuidavam dos filhos e da casa das senhoras e são retratadas como mulheres sem uma subjetividade, com um comportamento sempre servil.

Nessa perspectiva, a construção e a afirmação positiva da identidade negra e da identidade feminina, articuladas no caso das mulheres negras, são cruciais na atuação do Movimento de Mulheres Negras no combate aos referidos estereótipos, ao racismo e ao sexismo presentes na sociedade brasileira. Ademais, analisaremos a campanha “Moren@, não. Eu sou negr@!” idealizada, produzida e lançada pela Bamidelê, organização de feministas negras na Paraíba, em 2009, cujo objetivo é de promover a afirmação da identidade negra pela população negra do estado, como forma de enfrentar o racismo e valorizar as pessoas negras. Nesse sentido, nosso foco é a análise do processo de criação da campanha, sua divulgação e repercussão na sociedade brasileira contemporânea.

## **CAMPANHA “MOREN@, NÃO. EU SOU NEGR@!”: AÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA PARAÍBA**

O Movimento de Mulheres Negras, como já evidenciamos, emergiu no cenário brasileiro na década de 1980, como movimento autônomo que representava sujeitos antes invisibilizados - as mulheres negras brasileiras - nos espaços onde estavam inseridas. Assim, desde a década de 1980, o movimento de mulheres negras vem atuando nas várias regiões do país, através das ações de grupos que surgiram em variadas formas organizativas e denominações (Ongs, comissões, coletivos, grupos).

Entre os primeiros grupos formados, de acordo com Roland (2000), destacamos o *Aqualtune*, um grupo de pesquisa criado em 1978, ligado ao Instituto de Pesquisas da Cultura Negra do Rio de Janeiro, e o *Nzinga - Coletivo de Mulheres Negras* - um grupo criado em 1983, também do Rio de Janeiro, do qual participava Lélia Gonzalez, importante intelectual e militante do Feminismo Negro, que ainda atuava no Movimento Negro Unificado (ROLAND, 2000: 240).

Moreira (2011), ao analisar a organização do Feminismo Negro no Brasil, em especial, das organizações no estado do Rio de Janeiro, destaca as tensões que existiam nos grupos que se formavam, pois muitas de suas integrantes estavam inseridas, anteriormente, nos Movimentos Negro e/ou Feminista e em partidos políticos. Entretanto, o Movimento de Mulheres Negras tem como objetivo central atender às demandas específicas das mulheres negras que estavam na intersecção das questões de gênero, raça e classe (MOREIRA, 2011: 61-62).

Durante toda a década de 1980, que marcou a consolidação do Movimento de Mulheres Negras brasileiro, até os anos iniciais de 2000, chegando à atualidade, surgiram diversas organizações no país, algumas já extintas. Nesse contexto, é criado, em 1998, no estado da Paraíba, o *Grupo de Mulheres Negras*, que inicia suas atividades realizando reuniões no Mosteiro de São Bento, localizado no centro de João Pessoa. Salientamos que esse grupo foi criado por mulheres que desenvolviam um trabalho nas Agentes da Pastoral de Negros (APNs), que perceberam a necessidade de uma organização específica de mulheres negras no estado (CARVALHO; ROCHA, 2012: 6).

Alguns anos depois, através de três das mulheres que participavam desse primeiro trabalho coletivo, o grupo foi institucionalizado em 2001 e recebeu o nome de Bamidelê –

Grupo de Mulheres Negras da Paraíba (CARVALHO; ROCHA, 2012: 7). O biênio 2001-2002 foi de estruturação física e captação de recursos para consolidar essa organização. Assim, em 2002, o grupo ampliou sua ação política, desenvolvendo trabalhos com meninas, jovens e mulheres de dois municípios paraibanos (Santa Rita e Alagoa Grande). Com o desenvolvimento de projeto financiado com recursos externos, conseguiu organizar uma sede, no centro de João Pessoa, que significou um importante espaço na consolidação do trabalho da organização (BAMIDELÊ, 2003: 1).

Desde sua instituição, a Bamidelê desenvolve um trabalho no estado, nas áreas urbanas e nas rurais, com jovens e mulheres negras. Realiza atividades, principalmente, em três municípios paraibanos: em Alagoa Grande, na comunidade de Caiana dos Crioulos, em Santa Rita, nas comunidades de Tibiri II e Marcos Moura, e em João Pessoa.

Nessa primeira década, a organização realizou ações políticas, como encontros, seminários, oficinas e mobilizações públicas dentro dos projetos elaborados. Além disso, participou de eventos e firmou parcerias com outros movimentos sociais do estado, como o Instituto de Referência Étnica – IRÊ, a Cunhã – Coletivo Feminista, e esteve ativa nos debates sobre a implementação das cotas raciais na Universidade Federal da Paraíba. Porém, neste artigo, nosso objetivo é de analisar, especificamente, uma das ações realizadas pela Bamidelê – a campanha eletrônica “Moren@, não. Eu sou Negr@!”, lançada em 2009, que tinha o objetivo central de promover a afirmação da identidade negra, especialmente entre a população paraibana. Para tanto, tomamos como pontos principais para a análise o processo de criação da campanha, divulgação e repercussão na sociedade.

Em primeiro lugar, destacamos que a campanha eletrônica analisada é compreendida em duas fases, que tem como marcos de lançamento os anos de 2009 e 2012. Assim, a “Campanha de Promoção da Identidade Negra na Paraíba” foi lançada no dia 30 de julho de 2009, sendo uma das atividades do *Dia das Mulheres Negras da América Latina e do Caribe*, comemorado no dia 25 de julho, com o intuito de visibilizar essa parcela da população com a afirmação da identidade negra, para que esses sujeitos pudessem se fortalecer e manter as reivindicações de seus direitos, através da criação de políticas públicas que atendessem as suas demandas. A campanha contou com o apoio da Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), da Fundação Ford, do Fundo Brasil de Direitos Humanos e da Global Fund for Women.

Quando a campanha foi lançada, três dos principais jornais em circulação, no estado

da Paraíba, publicaram notícias sobre o evento nos dias 30 e 31 de julho de 2009: *o Jornal da Paraíba, O Norte e A União*, respectivamente. No *Jornal da Paraíba*, o evento foi anunciado, de forma sucinta, numa coluna com o título “Identidade”. A matéria foi intitulada “‘Bamidêlê’ lança proposta de valorização dos negros”, em que se destacou onde e quando aconteceria o lançamento da campanha e se ressaltou o objetivo da ação, assim como alguns dados referentes à população negra no estado, que foram informados pela Bamidêlê.

No jornal *O Norte*, a campanha foi anunciada na coluna “dia a dia”, na matéria escrita por Márcia Dementshuk, intitulada “Reconhecimento da identidade negra”. Diferentemente da notícia veiculada no *Jornal da Paraíba*, não foi mencionado o nome da Bamidêlê, organização responsável pela campanha. Assim, o objetivo da campanha, destacado pela matéria jornalística, seria de “debater as diferenças raciais existentes no estado”. Nesse sentido, expuseram como a ação se desenvolveria e apresentaram dados da população negra paraibana, numa coluna à direita da página, com o título “Negros na Paraíba”, em que mostraram dados relativos à quantidade populacional, à taxa de analfabetismo, à média de estudos e de rendimentos, à mortalidade por homicídios e um importante destaque sobre “trabalhadoras que atuam como empregadas domésticas”, com a porcentagem bem maior de mulheres negras, o que evidenciou como essas mulheres são afetadas pela intersecção de gênero e de raça, que “determinou” o lugar que ocuparam no mercado de trabalho.

No jornal *A União*, a campanha foi divulgada no caderno “Geral”, sob o título “Campanha quer autoestima negra”, escrita pelo repórter Guilherme Cabral. A matéria destacou o lançamento da campanha, que havia acontecido na noite do dia 30 de julho, no Cine Banguê do Espaço Cultural, em João Pessoa. Foram destacados, ainda, os objetivos da campanha e por quais meios à ação iria ser divulgada, ponto que trataremos mais detalhadamente. Ademais, em duas das três matérias jornalísticas analisadas, foram utilizadas imagens que representavam figuras de mulheres negras e a imagem da própria campanha.

A “Campanha de Promoção da Identidade Negra na Paraíba” começou a ser veiculada, principalmente, no meio eletrônico, em 2009. No ano de 2010, foi lançada novamente, no mês de julho, sob o slogan “No censo 2010, afirme sua negritude”. Um dos objetivos da campanha era de mobilizar a população negra paraibana a autodeclarar-se, dentro das categorias de cor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pardo ou preto no censo demográfico, que seria realizado naquele ano. Nesse ínterim, uma página na internet foi criada em formato de blog, com o domínio “[www.bamidelenocenso2010.blogspot.com.br](http://www.bamidelenocenso2010.blogspot.com.br)”,

que esteve ativa até o início do ano de 2012, sobretudo, com a postagem de notícias locais e nacionais. Nessa primeira fase, também foi produzida uma série de vídeos, com sujeitos participantes do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras na Paraíba, com o objetivo de potencializar a divulgação da campanha. Esses dados podem ser encontrados na página do “youtube”, um site de compartilhamento de vídeos.

**Imagem 1: Material da Campanha Morena, não. Eu sou Negra!/2009-2010**

**No Censo 2010, afirme sua negritude**



Quando perguntarem sua cor/raça, declare preta ou parda  
 Minha cor ou raça é:  
 Branca  Preta  Amarela  Parda  Indígena

**NO CENSO 2010, AFIRME SUA NEGRITUDE:  
 “Moren@ não, eu sou negr@!”**

**O que é o Censo 2010?**  
 É uma pesquisa realizada a cada dez anos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2010, o Censo será iniciado em 1º de agosto. Tem como objetivo reunir informações sobre toda a população brasileira e definir o número de habitantes. O Censo é muito importante, pois seus resultados poderão contribuir para a formulação de políticas públicas e melhoria dos serviços sociais que atendem à diversidade da população brasileira.

**Qual a importância de afirmar a cor/raça no Censo 2010?**  
 Afirmar a identidade negra tem um sentido político, histórico e de valorização da população negra em nosso país. É importante que ativistas dos movimentos negros tenham dados concretos do número aproximado da população negra para propor políticas públicas que atendam às suas necessidades: em áreas como saúde, educação, cultura, trabalho, renda, saúde e segurança pública.

Portanto, considerando a importância da coleta de dados no Censo 2010, a Bamidêlê - Organização de Mulheres Negras na Paraíba, vem estimular as pessoas com origem africana/ negra a declarar sua cor/raça no Censo 2010. Este é o objetivo de nossa campanha eletrônica No Censo 2010, afirme sua Negritude! Moren@ não, eu sou negr@!, que estará em vigor durante o período da coleta de dados.

Quando perguntarem qual sua cor/raça, declare preta ou parda:  
 Minha cor ou raça é:  
 Branca  Preta  Amarela  Parda  Indígena

Confira nossa campanha:  
 Blog: <http://bamidelenocenso2010.blogspot.com/>  
 Twitter: [www.twitter.com/negrabamidêlê](http://www.twitter.com/negrabamidêlê)  
 Site: [www.bamidêlê.org.br](http://www.bamidêlê.org.br)  
 e-mail: [bamidêlê@uol.com.br](mailto:bamidêlê@uol.com.br)



Fonte: <http://bamidelenocenso2010.blogspot.com.br/p/sobre-campanha.html>

A campanha eletrônica lançada em 2009 continuou no ano de 2010. Aquele foi o ano de realização do censo demográfico. Nessa perspectiva, destacamos uma das matérias postadas no blog, no dia 25 de julho, que ressalta uma das etapas do processo de criação da campanha “No censo 2010, afirme sua negritude: “Moren@ não, eu sou negr@!””, que foi a realização de “uma oficina com representantes da Bamidêlê, Movimento Negro da Paraíba, universidades, de associações e grupos de mulheres. O objetivo da oficina foi de promover uma "chuva de idéias" para a construção da campanha”.

Na mesma matéria acima mencionada, foram pontuadas as principais estratégias da campanha, a saber: campanha publicitária; articulação com a mídia local; formação política (oficina, rodas de diálogo e seminário); sensibilização de gestores/as, formadores/as de opinião; alianças com Movimento negro, feminista e movimentos sociais, núcleos universitários; parceria com empresas, associações, conselhos, sindicatos etc; e mobilização nas ruas. Além disso, são destacados os instrumentos utilizados para divulgação: vídeos, SPOTs de rádio, busdoor, panfletos, adesivos, camisetas, bottons e cartazes.

Nessa edição, a campanha, sob o slogan “Moren@ não, eu sou Negr@!”, foi lançada no dia 28 de julho de 2010, como uma das atividades em comemoração ao dia 25 de julho - Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe. O evento foi realizado no auditório do FECOMÉRCIO, no centro de João Pessoa. Essa ação da Bamidelê representa mais uma, entre outras iniciativas realizadas no país. Nesse sentido, destacamos a campanha “No censo 2010: quem é de axé diz que él!”, lançada no Maranhão, que tinha o objetivo de sensibilizar os praticantes das religiões afro-brasileiras para afirmarem seu pertencimento religioso no censo demográfico de 2010.

Na segunda fase, em 2012, a campanha eletrônica de Promoção da Identidade Negra na Paraíba, sob o slogan Afirmar sua negritude Moren@, não. Eu sou Negr@!, foi relançada no evento “Cotas e cidadania – um direito seu” - um debate realizado no dia 29 de março, na Universidade Federal da Paraíba, pela Bamidelê, em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). O evento tinha o intuito de discutir a necessidade de se aperfeiçoarem políticas públicas, no caso das cotas, para a população negra paraibana, principalmente, no campo do acesso ao ensino superior. Isso porque o Censo 2010, produzido pelo IBGE, identificou que, no estado paraibano, mais da metade da população (58,3%) é composta por pretos (212.968) e pardos. Entretanto, esses negros e negras (2.199.587, num total de 3.766.834 habitantes) não estão inseridos nas instituições de ensino superior.<sup>1</sup>

No mesmo ano, ainda se utilizando do meio eletrônico, a Bamidelê, organização de feministas negras na Paraíba, reelaborou as imagens utilizadas na divulgação da campanha e inseriu-se nas redes sociais, como o *Twitter* e o *Facebook*, onde dispõe de perfis e de comunidades. Além disso, são utilizados outros meios de divulgação, como panfletos, adesivos e camisas com o slogan da campanha que são vendidas.

Assim, a Bamidelê deu continuidade à campanha, em 2012, que se constitui como uma das ações políticas do projeto “*Yépada*: mulheres negras na luta contra o racismo e na defesa dos direitos humanos”, iniciado em 2011 e ainda em execução, com o propósito de afirmar o debate a respeito do atendimento das demandas e ao acesso aos direitos negligenciados a essa significativa parcela da população paraibana. Nesse sentido, a construção da identidade negra é uma etapa crucial para o enfrentamento das desigualdades raciais/sociais.

---

<sup>1</sup> Os dados do Censo de 2010 revelam, ainda, que a população da Paraíba é composta por 25.043 pessoas indígenas, 1.499.253 brancos(as) e 48.487 amarelos(as). Os dados estão disponíveis nos portais do IBGE: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_paraiba.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_paraiba.pdf), [http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=censodemog2010\\_indig\\_univer](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=censodemog2010_indig_univer) e [http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=resultuniverso\\_censo2010](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=resultuniverso_censo2010)

**Imagem 2:** Material da Campanha Morena, não. Eu sou Negra!/2012



Fontes: [www.facebook.com/negrasbamidele](http://www.facebook.com/negrasbamidele); [www.negrasbamidele.blogspot.com](http://www.negrasbamidele.blogspot.com).

Portanto, um dos principais objetivos da campanha, nessa segunda edição, é de fortalecer o debate público sobre a identidade negra, com o intuito de envolver todos e todas na luta antirracista e afirmar os Direitos Humanos na Paraíba. Vale sublinhar que, no ano de 2013, na ocasião das atividades de 21/03, considerado o Dia Internacional da Eliminação da Discriminação Racial, em homenagem aos jovens mortos na África do Sul, em 1960, a Bamidelê produziu um novo material – *banner* eletrônico – com vistas a afirmar a identidade racial negra, conforme se pode observar na Imagem 3. O material foi disponibilizado apenas numa das mídias sociais – *facebook* – e teve uma excelente recepção por parte dos internautas, pois foram 6.598 compartilhamentos e 288 curtidas, no período de sete dias (21 a 28 de março), de várias regiões do Brasil, mostrando uma boa receptividade das pessoas inseridas na rede de computadores - a *internet* - em receber mensagens que positivam e reconhecem a ancestralidade africana. A imagem está no facebook: <http://www.facebook.com/negrasbamidele?ref=ts&fref=ts>.

**Imagem 3:** Material da Campanha Morena, não. Eu sou Negra!/2013



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/negrasbamidele>.

Em resumo, com o presente artigo, procuramos mostrar algumas das ações políticas empreendidas pela Bamidelê, uma organização de feministas negras, na construção da identidade negra no estado da Paraíba, a partir da campanha eletrônica “Promoção da Identidade Negra na Paraíba”, que alcançou destaque, local e nacionalmente, foi veiculada em diferentes formatos midiáticos e tem contribuído para combater o racismo e afirmar a identidade racial no Brasil contemporâneo.

**REFERÊNCIAS****FONTES DOCUMENTAIS – IMPRESSAS E NA INTERNET**

‘Bamidêlê’ lança proposta de valorização dos negros. **Jornal da Paraíba**, Paraíba, p. 7, 30 jul. 2009.

DEMENTSHUK, M. Reconhecimento da identidade negra. **O Norte**, João Pessoa, p. 3, 31 jul. 2009.

CABRAL, G. Campanha quer autoestima negra. **A União**. João Pessoa, p. 9, 31 jul. 2009.

BAMIDELÊ – Grupo de Mulheres Negras da Paraíba. Projeto Redes de Solidariedade: Saúde reprodutiva, gênero, etnia e cidadania na Paraíba. **Relatório narrativo, abril a dezembro de 2002**. João Pessoa, 2003. 39 p. Digitado.

Material da Campanha de Identidade Racial, disponível no <https://pt-br.facebook.com/negrasbamidele>. Acesso em: 25 fev. 2013.

Material da Campanha de Identidade Racial, disponível no <http://bamidelenocenso2010.blogspot.com.br/p/sobre-campanha.html>. Acesso em: 25 fev. 2013.

Material da Campanha de Identidade Racial, disponível no <http://www.negrasbamidele.blogspot.com>. Acesso em: 25 fev. 2013.

Matéria jornalística sobre a Campanha de Identidade Racial no ano de 2012

<http://www.paraiba.com.br/2012/03/29/92361-organizacao-lanca-campanha-de-promocao-da-identidade-negra-na-paraiba-nessa-quinta-feira>. Acesso em: 09 mar. 2013.

Dados do Censo 2010, disponível no [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_paraiba.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_paraiba.pdf). Acesso em: 28 mar. 2013.

Dados do Censo 2010, disponível no [http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=censodemog2010\\_indig\\_univer](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=censodemog2010_indig_univer). Acesso em: 28 mar. 2013.

Dados do Censo 2010, disponível no [http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=resultuniverso\\_censo2010](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=resultuniverso_censo2010). Acesso em: 28 mar. 2013.

**BIBLIOGRAFIA**

- BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 106-213.
- BAIROS, Luíza. Nossos feminismos revisitados. In: RIBEIRO, Matilde (Org.) Dossiê Mulheres Negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v.3, n. 2, 1995, p.458-463.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. Gênero (Orgs.), **Democracia e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002, p. 167-193.
- CARVALHO, Rayssa A.; ROCHA, Solange P. Feminismo Negro no Brasil: ações da Bamidelê – Organização de Mulheres Negras na Paraíba - na construção e na afirmação de identidade negra. In: Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero, 17., 2012, João Pessoa. **Anais do 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero**. João Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/65/206>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2013.
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999, p. 7-37.
- GONÇALVES, Eliane. Pensando o gênero como categoria de análise. **Estudos de Gênero**. Goiânia: Editora UCG, 1988, p. 41-60.
- MOREIRA, Núbia Regina. **A Organização das Feministas Negras no Brasil**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.
- PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila M.(Org.) **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002, p. 7-42.
- ROLAND, Edna. O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio A.; HUNTLEY, Lynn (Orgs.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 237-256.
- SANTOS, Sônia Beatriz dos. As ONGs de mulheres negras no Brasil. **Sociedade e cultura: Revista de Ciências Sociais**, vol. 12, n. 2, jul/dez, 2009, p. 275-288.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, n. 2 jul/dez, 1999, p. 5-22.
- SOIHET, Rachel. Introdução. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 11-21.